



ContaMe dá que falar...

A "história" que, de seguida, se vai contar fala sobre três empresas que se juntaram para criar uma peça de mobiliário que reinterpreta um móvel antigo que a maioria já ouviu falar: o contador. O ContaMe é o reflexo da experiência de três parceiros nacionais que são mais uma prova de que Portugal tem design. A Vandoma desenhou e convidou a Móveis d'Arte Canhoto e a Liliana Guerreiro Joias para a concretização do contemporâneo contador que tem muito que guardar e contar...

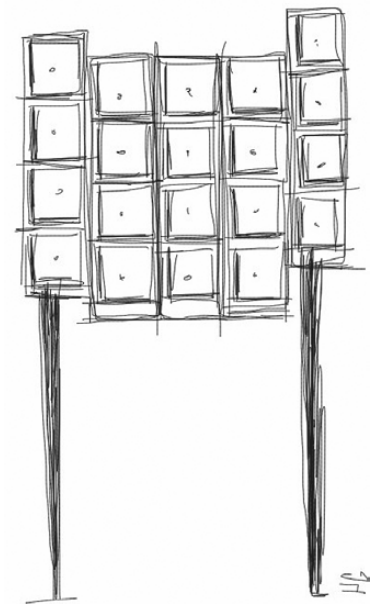
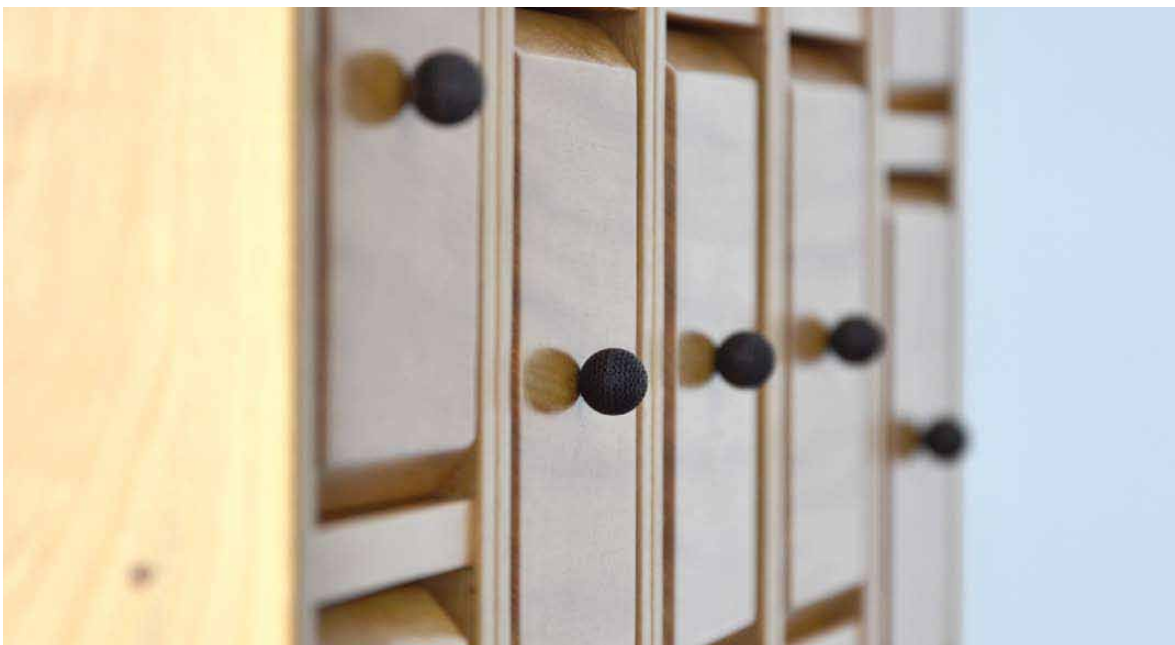
Texto: Sofia Pires
Fotos: Direitos de autor

ContaMe

Era uma vez uma marca de design de equipamento, a Vandoma, que em parceria com um atelier de criação de mobiliário, o Móveis d'Arte Canhoto, e a joalheira Liliana Guerreiro concebeu a ContaMe, uma peça de mobiliário que nasce da simbiose das artes e experiências destes criadores. "ContaMe é um contador distinto pela forma, materiais e pelo toque sublime da malha de filigrana de cada puxador" que reinterpreta o conceito do clássico contador, "agora desconstruído, assimétrico, mas, mesmo assim, equilibrado e elegante", descreve Paulo Gouveia, diretor de design de equipamento da Vandoma. Esta assimetria cheia de movimento, na opinião de Luís Bôto, responsável pela comunica-

ção e marketing do Móveis d'Arte Canhoto, "humaniza a peça" feita de pau cetim, mutene e prata oxidada nos puxadores das 20 gavetas com malhetes visíveis mesmo quando fechadas. "Nas costas, os embutidos de faixa de mutene alinhados com as gavetas tornam o ContaMe interessante em qualquer perspetiva", explica Paulo Gouveia da Vandoma. Todos os componentes de madeira foram executados de forma artesanal pelo Atelier Móveis d'Arte Canhoto, nomeadamente pelo seu mestre Firmino Adão Canhoto. "Estas madeiras utilizadas dão à peça um toque suave, permitindo que a ContaMe, não só, seja bela ao olhar, mas também, bela ao toque" elucida Luís Bôto. Através do desenho vê-se a alma da

construção, como por exemplo os malhetes em rabo de andorinha, mas também olhando para os detalhes dos puxadores construídos em prata oxidada, numa malha de filigrana, soldada por um processo artesanal: a soldadura de boca. "O puxador ContaMe é uma esfera desenvolvida a partir da repetição contínua, em espiral, dos terminais dos relicários do séc. XIX só conseguida pela larga experiência e técnica dos mestres ourives Joaquim e Guilherme Rodrigues", explica Liliana Guerreiro. Esta joalheira registou a malha de filigrana utilizada nesta peça, em 2005, no Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Quando aceitou o desafio de aplicar joias a uma peça de mobiliário, Liliana Guerreiro foi movida "pela curiosidade do

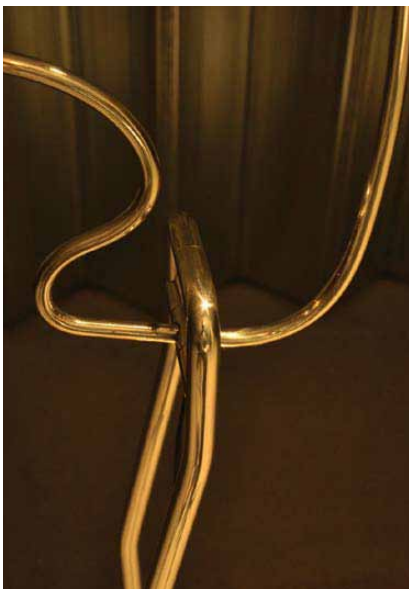
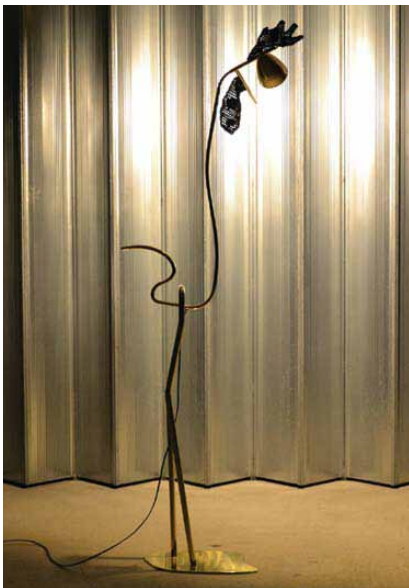
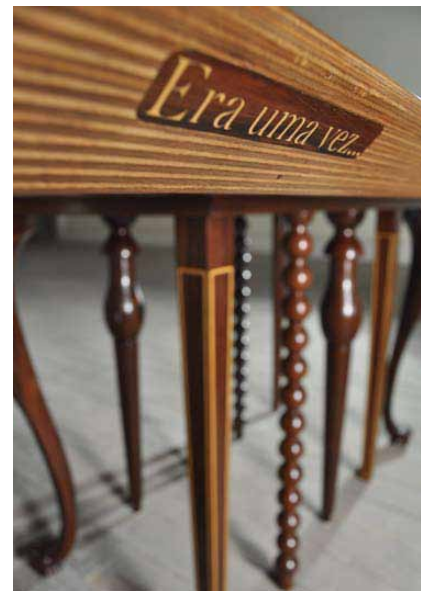


resultado final e porque o design do ContaMe é sem dúvida envolvente e criativo." Na cabeça desta criadora de joias pairava o receio de que "um pequeno elemento em prata, por mais simples que fosse, pudesse alterar e comprometer o desenho da peça, pela repetição. Não nos podemos esquecer que são 20 puxadores numa só peça," sublinha Liliana Guerreiro. Este receio foi superado dando lugar a um encantamento e satisfação finais. Para o Móveis d'Arte Canhoto o convite da Vandoma para a execução desta peça foi recebido como uma evolução natural de parcerias anteriores. Esta empresa habituada a produzir Contadores Indo-Portugueses é composta por uma equipa de mestres na arte de trabalhar a madeira. A facilidade

com que este atelier "interpretou o desenho do designer Paulo Gouveia," assentou na experiência de 50 anos a criar mobiliário clássico. Para a Vandoma a materialização de uma ideia é sempre um desafio. Quando esta marca concebe o design de um novo projeto avalia os materiais, as técnicas e todos os detalhes para que a peça tenha um cunho único. Esta marca de design de equipamento convida parceiros que partilhem da mesma ambição e que tenham vontade de inovar aliando a sua sabedoria e experiência para que a concretização seja um processo simples. Susana Loureiro, diretora de marketing e vendas da Vandoma confessa que "o maior desafio é sempre levar o nosso trabalho até ao público e criar desejo por cada peça, por

cada projeto. Queremos sempre mais. Queremos surpreender e superar as expectativas". E no caso concreto da ContaMe as expectativas foram largamente superadas. Nesta peça a harmonia da combinação de materiais - o jogo de volumes, o contraste nas tonalidades das madeiras - torna este contador único e marcante. Marcante também é o secretismo dos contadores de outros tempos, característica que não foi esquecida no ContaMe e que está bem patente na descrição de apresentação da peça ao público em geral: "ContaMe tudo! ContaMe os teus segredos, a tua história, ContaMe como vai ser. ContaMe o que levas, o que trazes, ContaMe o que guardas. Enfim, ContaMe o teu dia-a-dia..."





Vandoma

A Vandoma Design é uma marca que se tem vindo a desenvolver no seio da empresa Encontro d'Ideias e assenta num processo de trabalho caracterizado pela multidisciplinaridade e pela relação privilegiada e comprometida com parceiros, onde também se encontram os clientes. Esta história não poderia ser contada se a Vandoma não estivesse empenhada na promoção da cultura e do design nacionais, em parceria com profissionais especializados que aliam a respetiva "arte e engenho" à equipa de designers criativos desta marca portuense. Mas se foi o Porto que a viu nascer em 2010, o mundo inteiro a verá crescer, visto que a Vandoma já começou a dar os primeiros passos no mercado internacional. Depois de entrar no mercado espanhol, a marca de design de equipamento, produto e interiores pretende trabalhar brevemente na Suíça, para além de estar a analisar potenciais parcerias para explorar o mercado da Rússia, EUA e do continente asiático. Tudo isto só é possível porque para além de criativo "o design Vandoma está em constante pesquisa, aprendizagem e inovação, introduzindo novos conceitos de forma a trazer sempre algo de novo, com qualidade, presença e vida. Não somos mais uma marca de design, somos anti-tendências, queremos descobrir os vários estados, formas e funções do design", sublinha Paulo Gouveia acrescentando que "a Vandoma pretende distinguir-se pela visão global que tem do design, um design diferente que tem sempre uma palavra a dizer. Temos a missão de surpreender e criar desejo em cada projeto: Vandoma Design, creating desire". A verdade

é que o maior desafio aceite pela marca é ser fiel a esta missão em relação aos clientes mas também em relação à indústria fazendo-a ver a importância e a necessidade do design em peças, produtos e até serviços. Assim, a Vandoma além de conceber peças próprias, de autor e para outras marcas Design by Vandoma também, numa outra vertente, desenvolve projetos de design de equipamento e espaços, para empresas e hotelaria desde a projeção à implementação e ainda executa serviços de consultoria & outsourcing. Desde a sua fundação que a Vandoma tem vindo a marcar presença em feiras nacionais e internacionais para apresentar as peças editadas pela marca. Até agora, apenas têm peças de mobiliário e iluminação mas não há limites para o que a marca se propõe a criar. "Na Vandoma todos os materiais são passíveis de serem transformados em surpreendentes e arrojadas peças de design". Destas peças, a primeira criação, intrinsecamente associada à identidade da Vandoma é a mesa "Era uma vez...". "Muito mais do que uma mesa, é um registo histórico. Numa só peça, cinco correntes ancestrais do mobiliário, num contexto contemporâneo que privilegia a inovação e a originalidade" pode ler-se no sítio da marca, www.vandomadesign.com. Esta peça, desenhada por Paulo Gouveia, é o resultado da parceria entre a Vandoma e o Móveis d'Arte Canhoto que concebeu "a mesa com pés em pau-santo, embutidos em buxo, tampo em contraplacado marítimo e folha de pau-santo e acabamento em cera virgem de abelha". Mas ainda há mais. O sofá Sente60

e a Mesa Box que chamam a atenção pelos materiais ecológicos que usam e o candeeiro Porto-Gallus que se inspira no Galo de Barcelos, muitas vezes utilizado como símbolo de Portugal e que nesta peça presta homenagem à cultura portuguesa. E esta é uma característica bem patente nas criações Vandoma: "a busca de fazer renascer o orgulho, a vontade e a cultura portuguesas. O nosso design é baseado na nossa cultura e origens. A nossa prioridade é que todo o processo tenha uma origem genuína na nossa cultura", revela Susana Loureiro. Também a Infinitas vai buscar ao Alentejo o mote de inspiração tradicional. Esta mesa feita de mosaicos hidráulicos é uma peça versátil já que tem vários padrões e cores à escolha, oferecendo infinitas combinações. Semeada na Encontro d'Ideias, a Vandoma "deixou de estar no estágio de seed capital, para se tornar numa start-up com futuro". Futuro, esse que passa por continuar a inovar, prestando sempre serviços diferenciadores, cultural e empresarialmente interessantes e ricos. Para já as peças Vandoma estão à disposição do público no Porto, em Lisboa e em Barcelona. Mas a Vandoma a partir de janeiro de 2012 vai procurar um desenvolvimento mais rápido e sustentável junto de investidores e parceiros que estejam dispostos a apostar nesta marca de design que ambiciona, também, ser sinónimo de valor acrescentado noutros produtos e serviços nacionais. "O presente quando o falamos já é passado, o futuro é agora... Vamos continuar a surpreender e a criar as mais-valias que os nossos parceiros nos exigem", remata Susana Loureiro.



Atelier Móveis D'Arte Canhoto

"Criar peças extraordinárias de mobiliário artesanal que despertam emoções, sinônimas de tradição e luxo, compondo desta forma um legado intemporal", é a missão que tem vindo a orientar o Atelier Móveis d'Arte Canhoto há mais de meio século. Este atelier, visto como uma referência nacional na arte de trabalhar a madeira, "é uma empresa, uma tradição, uma família, um cunho ligado a uma arte" em extinção: a arte ebanista, ou seja, a arte de embutir. O Móveis d'Arte Canhoto evidencia-se pela mestria dos seus embutidos, construindo peças que se caracterizam por detalhes distintos e exclusivos, sempre executadas manualmente utilizando materiais nobres. As peças deste atelier são peças criadas para o mercado de luxo, utilizando madeiras mais valiosas e exóticas, e por vezes empregando ferragens a ouro ou prata. Luís Bôto afirma que "a empresa distingue-se pelo rigor e precisão de execução artesanal das peças fiéis às técnicas ancestrais, pela atenção aos pormenores, ao profundo conhecimento dos materiais empregues e das técnicas de marcenaria e embutidos".

Ao longo dos anos o atelier tem vindo a especializar-se no restauro e nas réplicas de mobiliário português dos séculos XVII-XVIII e, também, na criação de desenhos originais. É aqui que entra toda a experiência e conhecimento do mestre Firmino Adão Canhoto que, depois das peças desenhadas à escala real para servirem como moldes à execução, é responsável por "definir qual o material para cada função", diz João Canhoto. O Mestre Firmino é o fundador do Atelier Móveis d'Arte Canhoto e é também conhecido por Mestre dos Segredos porque grande parte dos móveis construídos por este marceneiro incluem esconderijos para segredos que precisam de estar

bem guardados. Depois dos desenhos feitos e dos materiais escolhidos, está na hora de trabalhar, cortar, embutir ou entalhar a madeira. Luís Bôto conta que "o acabamento é feito sempre de forma natural - com a goma-laca e a cera virgem de abelha fabricada por nós, assim como a sua aplicação é feita por processos ancestrais - não é por acaso que demoramos sempre alguns meses para executar as nossas peças". As séries são assinadas e limitadas a 10 unidades e, por isso, para além de serem peças de decoração são, também, objetos de arte que se valorizam. "É importante equilibrar a utilização dos recursos disponíveis, pelo que todas as nossas peças são o oposto da sociedade atual do consumo do descartável. Usar e deitar fora, não é a nossa filosofia. O nosso lema são peças de arte que permanecerão de geração em geração", revela Luís Bôto. E em 50 anos a família Canhoto já perdeu a conta aos trabalhos realizados. Destacam as camas dos Infantes encomendadas pelos Duques de Bragança. Também destacam o primeiro prémio arrecadado, em 1990, num concurso europeu de artesanato - o Móveis d'Arte Canhoto foi o vencedor, entre 12 países, em Avignon, com a Cama D. Maria Rica. Nos anos 90 foram responsáveis por lecionar a disciplina Técnicas de Produção Artística II - Módulo de Madeiras na Escola Superior de Conservação e Restauro. Em 2007 expuseram nas galerias Harrods em Londres e dois anos mais tarde participaram no restauro dos Órgãos Históricos da Real Basílica de Maфра. Já este ano, João e Carla Canhoto foram galardoados com o Prémio Nacional de Artesanato graças ao Contador Indo-Português Grifo. Mas a "menina dos olhos" do atelier é o par de mesas de jogo D. José, "consideradas uma joia da marcenaria portuguesa". Uma das mesas foi avaliada em mais de 60 mil



euros. Além destas peças produzem também as meias cómodas D. José, os faqueiros D. José e D. Maria entre outras réplicas ou peças originais. Desde as marcadamente clássicas até às intemporais, "cada peça deste atelier é um mundo feito de sensações na melhor tradição do mobiliário português" capaz de encaixar, harmoniosamente, tanto na decoração estilo clássico como na contemporânea.

A trabalhar desde 1954, o Atelier Móveis d'Arte Canhoto encontra nos filhos do fundador, Firmino Adão Canhoto, a certeza de que o futuro da empresa está garantido. O João e a Carla Canhoto decidiram seguir as pegadas do pai e tornarem-se, também eles, mestres marceneiros. Passado e futuro juntam-se em força no presente para acompanhar a dinâmica do mercado de luxo no panorama do mobiliário. A reputação e os prémios alcançados fomentam, também, a evolução para parcerias como esta feita com a Vandoma. A presença em feiras de decoração e arte, assim como a aposta na divulgação através da Internet são a prova de que o Atelier Móveis d'Arte Canhoto é capaz de se adaptar às novas tendências de mercado.

A partir do atelier em Maфра para todo o mundo, é assim que esta empresa pretende "promover o nome Atelier Móveis d'Arte Canhoto como uma marca portuguesa com produtos de excelência e qualidade". A internacionalização apesar de já ter começado, com peças representadas em coleções espalhadas pelos quatro cantos do mundo, é ainda um desafio a ultrapassar. A aposta forte é já visível porque hoje em dia a marca começa a ser falada em blogs da especialidade e um pouco por toda a internet. Não será certamente um território difícil de desbravar para o Atelier Móveis d'Arte Canhoto.





Liliana Guerreiro Joias

Liliana Guerreiro também desde o início da sua carreira começou a explorar o mercado internacional participando “regularmente em feiras de design um pouco por toda a Europa”. Esta designer de joalharia já é reconhecida internacionalmente pelo design das joias que concebe e as peças “são comercializadas em várias lojas de museus e galerias onde Liliana Guerreiro tem um grupo de clientes bastante fiel”. Algumas das suas peças integraram a exposição “Destination Portugal” no MoMA – The Museum of Modern Art - em Nova Iorque e Tóquio mas também se podem encontrar joias desta criadora na Alemanha, Áustria, Hungria e em vários pontos de venda em Portugal e Espanha.

Brincos, anéis, pulseiras, colares... “uma diversidade de joias executadas manualmente, recorrendo a processos de fabrico tradicionais como é o caso da filigrana. Procuro que sejam sobretudo joias depuradas e delicadas”, confessa a designer. As joias para Liliana Guerreiro são objetos carregados de simbolismo, inspirados em experiência e lugares que a criadora viveu e viu. É dessas vivências e sítios que a joalheira se inspira para os temas dos projetos que abraça. Gosta de definir as joias como “pequenos objetos com que nos identificamos, que podemos transportar no corpo e que de uma forma ou de outra vão fazendo parte da nossa personalidade. São objetos de culto, uma companhia, um talismã” e que servem para brincar, distrair e descomprim-

mir. Mais que um adorno, as joias ganham vida porque se misturam com a vida da própria pessoa que as utilizam e, por isso, Liliana Guerreiro só imagina uma coisa para o futuro: “continuar a criar joias que se relacionem sempre de forma harmoniosa e cúmplice com quem as usam e as amam”.

O processo criativo e de trabalho estão, indiscutivelmente, interligados na opinião da designer que “quando está na oficina a trabalhar com os metais, é várias vezes impelida a fazer desenhos que vai acumulando e que, por vezes, se tornam em joias”. Outras vezes, “mais do que fruto de um desenho a priori, as suas formas decorrem dos próprios processos manuais de fabrico”, explica a criadora. O projeto “Filigrana” é exemplo disso, porque as peças foram desenvolvidas à medida que se iam fabricando em parceria com os mestres ourives Joaquim e Guilherme Rodrigues. Este trabalho explora a associação do elemento mínimo de cada técnica de filigrana. “A minúcia do trabalho dos dois mestres ourives demonstrada na densidade e clareza da geometria das joias, revisita, paradoxalmente, a sua tradicional complexidade”, pode ler-se no blogue da joalheira portuguesa, www.lilianajoias.blogspot.com. E para explorar todas as potencialidades desta técnica a designer, na oficina secular onde trabalha, tem utensílios e ferramentas construídos por toda a equipa para, desta forma, a oficina funcionar simultaneamente como espaço de aprendizagem e de descoberta quer das artes de filigrana quer

dos objetos a elas associados. “Para além do culto dos objetos, é na leitura, identificação dos elementos essenciais da filigrana e na compreensão das suas diversas técnicas de trabalho que reside a singularidade e delicadeza das suas joias”.

Além deste projeto, a presença no Pavilhão português na “Exposição Internacional 2008”, em Saragoça, a participação no vídeo do pavilhão português na “Exposição Internacional 2010”, em Shangai, e a participação na exposição “Destination Portugal” no MoMA, em Nova York e Tóquio, são projetos de destaque na carreira de Liliana Guerreiro.

A joalheira, licenciada em Arte/Joalharia pela Escola Superior de Artes e Design – ESAD, em Matosinhos, já ganhou alguns prémios. Em 2004, 2006 e 2007, por exemplo, venceu o primeiro prémio do “Concurso de Artesanato Tradicional” da Feira Internacional de Lisboa, tendo em 2004 ganho uma menção honrosa.

Depois de conhecer estas três empresas em pormenor compreende-se melhor a mestria com que a ContaMe foi feita. Por um lado o design de uma marca promissora como a Vandoma e por outro a perícia do Atelier Móveis d’Arte Canhoto a trabalhar a madeira aliado ao contributo da designer de joias, Liliana Guerreiro habituada reinventar a técnica de filigrana, neste caso aplicada aos puxadores do contador. Sem dúvida que o ContaMe, uma peça contemporânea e inspiradora, tem muito que guardar, contar e, realmente, dá que falar.

